

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA CAROLINA SOUZA GUIMARÃES DOS SANTOS

GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO: O ESPORTE COMO FIO  
CONDUTOR NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS

NITERÓI

2018

GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO: O ESPORTE COMO FIO  
CONDUTOR NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS

Monografia apresentada ao  
Curso de Licenciatura em  
Educação Física da  
Universidade Federal  
Fluminense, como requisito  
à aprovação na disciplina  
Trabalho de Conclusão e  
de Curso 2.

Orientadora: Dra. Karla Campos de Paula

NITERÓI, RJ

2018

GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO: O ESPORTE COMO FIO  
CONDUTOR NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS

Monografia apresentada ao  
Curso de Licenciatura em  
Educação Física da  
Universidade Federal  
Fluminense, como requisito  
à aprovação na disciplina  
Trabalho de Conclusão e  
de Curso 2.

Aprovada em ..... de 2018

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Karla Campos de Paula

---

Prof. Dr. Paulo de Tarso Maciel Pinheiro

---

Prof. Dr. Luiz Otávio Neves Mattos

Niterói, RJ

2018

Aos meus pais Leizimar Santos e Carlos Alberto Santos e toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até este momento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a esta universidade e seu corpo docente por me proporcionar o conhecimento e ampliar minha percepção sobre a profissão que tanto me orgulho de seguir.

À minha orientadora Profa. Dra. Karla Campos de Paula, por aceitar construir esse projeto comigo, e pelo seu empenho e dedicação durante este ano.

Aos meus colegas de turma por contribuírem de alguma maneira na minha formação e, em especial as minhas amigas Ana Beatriz Araújo, Carolina Palma e Letícia Vasconcellos por todo apoio e incentivo durante o curso, e pela amizade que levarei para o resto da minha vida.

## RESUMO

O Esporte têm sido uma temática com grandes embates na área da Educação Física e, principalmente, dentro da escola. O objetivo deste estudo foi conhecer a proposta do Ginásio Experimental Olímpico (GEO) que é uma escola vocacionada para o esporte, e que entende o treinamento esportivo como um dos pilares na formação dos indivíduos. Também se dedicou a, comparar o projeto inicial feito para a primeira unidade em 2012 com o que foi adaptado ou repensado para as outras unidades estarem atuando nos dias de hoje. O estudo foi desenvolvido com seis docentes de duas unidades diferentes, sendo três de cada. Os instrumentos de coletas de dados utilizados foram o levantamento bibliográfico, representado pela pesquisa sobre a Educação Física e a introdução do Esporte na escola, um questionário semiestruturado e finalizando com a análise dos dados coletados.

**Palavras-chave:** Educação Física, Esporte, Ginásio Experimental Olímpico.

## **ABSTRACT**

Sports have been a theme with great problems in the area of Physical Education and, mainly, inside the school. The objective of this study was to know the proposal of the Gymnasium Experimental Olympic (GEO), which is a sports-oriented school, which understands sports training as one of the pillars in the formation of individuals. He also devoted himself to comparing the initial design made for the first unit in 2012 with what was adapted or rethought for the other units to be operating these days. The study was developed with six teachers from two different units, three of each. The data collection instruments used were the bibliographical survey, represented by the research on Physical Education and the introduction of Sport in school, a semi structured questionnaire and finalizing with the analysis of the data collected.

**Key words:** Physical Education, Sport, Olympic Experimental Gymnasium

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Rotina do GEO Santa Tereza .....	29
Tabela 2 – Rotina do GEO Ilha do Governador .....	30



## LISTA DE ABREVIATURAS

GEO	Ginásio Experimental Olímpico
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA .....	15
CAPÍTULO 2 – O ESPORTE COMO FERRAMENTA NA ESCOLA .....	17
2.1 – A obrigatoriedade da disciplina nos currículos .....	17
2.2 – A história da Educação Física no Brasil .....	18
2.3 – A ascensão do Esporte e suas possibilidades .....	20
CAPÍTULO 3 – GEO E O ESPORTE .....	24
3.1 – Modelo escolar associado ao esporte .....	25
3.2 – Introdução do esporte na dinâmica escolar .....	26
CAPÍTULO 4 – SEIS ANOS: O QUE MUDOU DESDE A IDEALIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO ATÉ OS DIAS ATUAIS? .....	28
4.1 – Dados da amostra .....	28
4.2 – Dados da instituição .....	29
4.3 – Dados do treinamento esportivo .....	31
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS .....	35
ANEXOS .....	39

## INTRODUÇÃO

A Educação Física, como disciplina componente do currículo escolar possui conteúdos que devem promover o aprendizado de conhecimentos específicos e vitais para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Esse conhecimento só tem sentido se houver uma sistematização do processo de aprendizagem, entendendo que o desenvolvimento geral do indivíduo será resultado de suas potencialidades e habilidades aprendidas durante as fases da vida. Essa aprendizagem está diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo (PILETTI e ROSSATO, 2011).

A teoria de Jerome Bruner considera a aprendizagem como um processo interno do aluno e que deve ser mediado pelo professor. Este deve se preocupar em estruturar e/ou facilitar a organização do conhecimento, a maneira com que as informações serão processadas, e como acontece o raciocínio e tomada de decisão. “Aproveitar o potencial que o indivíduo traz e valorizar a curiosidade natural da criança são princípios que devem ser observados pelo educador” (BRUNER, 1991, p. 122).

A educação física escolar pode ser uma grande aliada para o desenvolvimento da aprendizagem, tanto a formal dentro da sala de aula, quanto a informal relacionada à vida fora da escola. Cabe aos professores lidar com as particularidades na compreensão e interação com o meio que estão inseridos. O lúdico torna-se ferramenta fundamental nas aulas, pois mesmo que associado à ideia de diversão é seguido de um aprendizado significativo, construído por meio de vários fatores nos quais o indivíduo modifica e constrói seus conhecimentos prévios (MELO e VALLE, 2005).

Isso parece ser óbvio já que se trata de uma disciplina e para estar na escola necessita que seus conteúdos sejam sistematizados. Porém, essa afirmação passa a ser questionada quando não há planejamento. Muitas vezes, as aulas passam a ser “comandadas” pelos alunos quando decidem o que querem fazer e, geralmente, jogam algum esporte de conhecimento amplo deles, como o futebol, ou algum esporte que o professor domine.

O esporte aqui emerge:

(...) como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, projeta-se numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. (Coletivo de Autores, 1992, p.70)

Esta definição evidencia a necessidade da técnica, mas possuir um "conhecimento" sobre determinado esporte não é ter só o domínio dos gestos técnicos. É ampliar seu repertório motor para atender a demanda da tarefa, no caso, a prática dos esportes.

Então, em que momento são introduzidos estes conhecimentos específicos? Como a educação física trata da cultura corporal, é a responsável por instrumentalizar os alunos em relação aos conhecimentos básicos, como andar, correr, saltar, rolar, entre outras, e apresentar como esses movimentos se constituíram dentro de um processo histórico e cultural, trazendo sentidos e significados próprios. Segundo Soares et al (1992), a educação física:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticas, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (Coletivo de Autores, 1992, p.38)

Daolio (1996) afirma que os conteúdos utilizados dentro da escola são as formas institucionalizadas das atividades corporais, ou seja, os jogos, os esportes, as danças, as lutas e a ginástica. No entanto, como apontado por Kunz (1989), o esporte passa a ser atividade mais hegemônica, seja na escola ou na sociedade. O professor é o principal mediador das diversas possibilidades de intervenções (Coletivo de Autores, 1992) e é necessário que ele resgate ou estimule a criação de valores que aflorem os aspectos do coletivo ao invés do individual no esporte, e que promovam a solidariedade durante a prática. Os valores são qualidades que devem ser trabalhados como: o respeito às regras e o jogo limpo, um universo dentro do esporte que o aluno pode levar para sua vida fora da escola o que ele aprendeu na aula ou no jogo vivenciado (BERESFORD, 1999).

A partir de análises pessoais em relação à experiência de alguns colegas do curso de Educação Física, observa-se que a maioria teve professores que davam aulas que podemos denominar como “aula de esportes” (BETTI, 1999), sendo limitadas ao ensino de apenas quatro modalidades esportivas: Futebol, Voleibol, Handebol, e Basquete, e não buscavam outras maneiras de trabalhar essa temática. Não aproveitavam os inúmeros e importantes conteúdos da Educação Física.

Atualmente, esse modelo ainda se repete em algumas escolas, podendo ser relacionado a vários fatores como: a falta de professores com conhecimento prévio; falta de vivência em outras modalidades; ter experiência apenas nas modalidades que ministra (ALVES, 2007); a interferência da mídia que fortemente enaltece sempre os mesmo esportes; a falta de diálogo entre o professor-aluno sobre o interesse em experimentar novos esportes e, não só isso, mas a possibilidade de explorar outros conteúdos da educação física.

Entretanto, existem outros modelos como, a escola vocacional, e nesse caso o Ginásio Experimental Olímpico tendo o esporte como agente nuclear abrangendo toda a população escolar e, garantindo os objetivos pedagógicos da formação desportiva através da interdisciplinaridade. É nesse projeto de escola que se encontram as pessoas com outra visão pedagógica (fugindo da tradicional) para fazer do desporto uma atividade para todos, independentemente das capacidades de cada um ou das suas condições econômicas, sociais e culturais.

O Ginásio Experimental Olímpico (GEO) surgiu como uma forma de garantir o legado olímpico, tendo em vista as Olimpíadas de 2016. Os GEO, promovem o desenvolvimento esportivo de jovens com talento para diversas modalidades, mas o desenvolvimento acadêmico não é deixado de lado, e é pré-requisito para que os alunos continuem a rotina de treinos, tornando-se um estímulo para o aprendizado.

Até 2016 foram criadas quatro unidades: Juan Antonio Samaranch, em Santa Tereza; Dr. Sócrates, localizada em Pedra de Guaratiba; Félix Minelli Venerando, sediada no Caju; e o Nelson Prudêncio, na Ilha do Governador.

Entre as modalidades esportivas estão sendo desenvolvidas são: Atletismo, Tênis de mesa, Vôlei, Handebol, Xadrez, Natação, Luta Olímpica e Judô.

Esse projeto foi implantado pela Prefeitura do Rio de Janeiro com o intuito de proporcionar aos alunos um modelo educacional inovador, acreditando que é possível “reinventar” a educação por meio do esporte. Os idealizadores do GEO prezam pela máxima de formar o aluno-atleta-cidadão e este tripé é defendido por professores, alunos, comunidade, pais e responsáveis (SILVA, 2014).

Mais do que as relações de poder, a educação e o esporte instituem compromissos entre as pessoas e são utilizadas como ferramentas de auxílio no processo de desenvolvimento cultural, social e de saúde do ser humano. Crianças e jovens, carentes de valores éticos e morais, encontram no esporte incentivo a essas conquistas aliadas ao sentimento de superação. Como afirma Silva e Rubio (2003):

[...] A prática esportiva surge como um espírito de superação de limites, e este estímulo para a superação constante por parte dos atletas é considerado como um ideal positivo para a formação das pessoas; daí a importância do esporte como agente socializador.  
(p.75)

Devido a sua ideia inovadora e ao pouco tempo de implantação deste projeto, há poucas pesquisas que investiguem os resultados, na prática, deste modelo de escola, necessitando que mais investigações sejam feitas para que entendamos como funciona uma escola voltada para o esporte.

## **CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA**

A metodologia da pesquisa escolhida foi classificada como pesquisa exploratória. Para nortear inicialmente os procedimentos que seriam utilizados.

A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas: 1) levantamento bibliográfico, que foi utilizado em dois momentos, sendo o primeiro para contextualizar a temática do esporte, desde seu surgimento até ser transformado em conteúdo básico da Educação Física escolar, e o segundo realizado para compreender a proposta do GEO a respeito do esporte; 2) aplicação de um roteiro de entrevista (FRASER e GONDIM, 2004), enviado por e-mail para os professores do GEO da Ilha do Governador e do GEO Pedra de Guaratiba com o intuito de conhecer a escola e sua dinâmica, para conversar com docentes a fim de comparar a proposta inicial com a realidade deles, e entender como o esporte é trabalhado com os alunos; 3) análise dos dados, com o intuito de comparar o material levantado através da bibliografia com as informações provenientes do questionário respondido pelos professores, e estreitar o entendimento do trato com o esporte e o treinamento esportivo.

O objetivo geral deste trabalho é conhecer o Ginásio Experimental Olímpico e entender o papel do esporte na escola e na formação dos alunos, comparando os dados obtidos através do livro Aluno-Atleta-Cidadão: estudos no Ginásio Experimental Olímpico sobre o GEO Santa Tereza, com os dados obtidos através do questionário.

Os objetivos específicos são: 1) verificar de que maneira a tríade Atleta-Aluno-Cidadão se aplica no cotidiano da escola; 2) entender como o esporte é desenvolvido para se tornar um agente potencializador na formação dos indivíduos.

Para a realização do estudo foi utilizada uma amostra de conveniência sendo entrevistados seis docentes de duas unidades diferentes, sendo três do GEO Nelson Prudêncio (Ilha do Governador) e outros três do GEO Dr. Sócrates (Pedra de Guaratiba). Todos os docentes trabalham no GEO entre um a seis anos, eram do sexo masculino e treinadores de alguma modalidade; na faixa etária de 32 a 50 anos.

Conseqüentemente, houveram algumas limitações importantes: 1) a definição da amostra, tendo em vista que não tivemos o retorno das outras duas unidades para fazer o comparativo entre todas; 2) o tamanho da amostra, que ao se apresentar em número reduzido, permite considerar os resultados obtidos para a população em questão.

O questionário (Anexo 1) foi dividido em três blocos: 1) Dados da amostra, para conhecer a formação dos professores, experiência profissional no GEO, e se os docentes identificavam alguma diferença entre as outras escolas e o GEO; 2) Dados da instituição, seleção dos alunos, quantidade de turma e alunos, horários de funcionamento, rotina escolar e a quantidade de professores de Educação Física; 3) Dados do treinamento esportivo, para entender como eram organizados os treinos, se havia alguma progressão pensada nos alunos e nas competições, se há um grupo de estudo no GEO voltado ao desenvolvimento do treinamento, como o esporte é encarado dentro dos treinamentos (apenas gestos técnicos ou leva em conta os aspectos sociais), se os docentes viram alguma influência no cotidiano dos alunos na prática desportiva, e se acreditam que a tríade aluno-atleta-cidadão é capaz de formar alunos conscientes da sociedade que os cerca.



## **CAPÍTULO 2 – O ESPORTE COMO FERRAMENTA NA ESCOLA**

### **2.1 – A obrigatoriedade da disciplina nos currículos**

Primeiramente, é necessário que se compreenda como ocorreu a obrigatoriedade da disciplina dentro do currículo escolar, sabendo-se que, anteriormente, a disciplina fazia parte do currículo, porém, não era obrigatória. Para compreender melhor, recorreremos às leis que pautam a obrigatoriedade e legitimam a permanência e a importância da Educação Física na escola.

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) resume que a Educação Física se tornou um componente curricular obrigatório, a qual assume um compromisso social de agregar as práticas do corpo e movimento aos processos educativos de aprendizagem. Posteriormente, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), para nortear os conteúdos a serem desenvolvidos e, assim, estruturar os processos de ensino-aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento. Há diferença entre a LDB e os PCN, a primeira regulamenta o ensino básico como também os profissionais a ele ligado, e como lei deve ser cumprida, ou se espera que seja; já o segundo, funciona como um modelo a ser seguido pelas escolas, e como modelo não é obrigatório, mas, a sua aplicação provoca muitas mudanças no ensino.

A Educação Física emerge nesse contexto com o intuito de contribuir com a formação dos educandos, seja do ponto de vista físico, social ou pedagógico, ressaltando os valores (éticos e morais) que devem ser desenvolvidos durante as aulas, além de proporcionar o conhecimento corporal. Os PCN ainda, afirmam que:

[...] é muito importante na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e, assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções. (BRASIL, 1998, p. 15)

Posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013) propuseram os direitos de aprendizagem para diferentes segmentos e modalidades do ensino, sinalizando a necessidade de uma base nacional comum curricular que atendesse a todas as diferentes etapas de ensino. Neira e Souza Júnior (2016) afirmam que para a criação da Base Nacional Comum Curricular (2016), em sua segunda versão, houve uma influência significativa da teoria Crítico-Superadora, deslocando sua base teórica da psicobiologia para as ciências humanas e redefinindo o objeto de estudo do exercício físico e movimento, para a cultura corporal.

Mais recentemente, o ensino da Educação Física passou a tematizar as práticas corporais na escola, concebendo-as como um conjunto de práticas sociais centradas no movimento, realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas, religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem, em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental. (BRASIL, 2016, p. 100)

## **2.2 – A história da Educação Física no Brasil**

A escola, como instituição, traz consigo um papel fundamental dentro da sociedade, pois esta é um espaço educacional que é permeado tanto pelos interesses políticos quanto econômicos em vigor. Sendo assim, a escola passa a ser um dos seus alicerces, e o modelo escolar que conhecemos como “convencional” era reprodutor de um sistema vigente (LOCH e ROCHA, 2007).

Althusser (1985) apontou a escola como um aparelho ideológico do estado (AIE), uma vez que, é um espaço permeado por vários discursos, como o pedagógico, o científico, o familiar, o religioso e tendo como fio condutor o discurso neoliberal. Dentro desse contexto, a Educação Física passa a ser entendida como uma ferramenta a ser utilizada a serviço de “terceiros” e perde sua autonomia como disciplina.

Se fizermos uma linha do tempo com todas as abordagens pedagógicas da Educação Física (Darido, 2003) – a Higienista, Militarista, Pedagógica, Esportivista e Popular – perceberemos o quanto o ideário proposto ficou a mercê dos governos, à época.

No final do século XVIII e início do século XIX, a Educação Física

Higienista tem em seu primeiro plano a questão da saúde, principalmente pela sua aproximação com a medicina. Nesta época, havia uma política de “asepsia social” e a escola cumpria seu papel como promotora da qualidade de vida coletiva, através da ginástica, do desporto, dos jogos cooperativos, e etc. Na década de 1930 até meados de 1945, a Educação Física escolar foi regida por uma ideologia Militar e, também, visava o preparo físico. Diferentemente da Higienista, propunha padrões de comportamentos mais rígidos devido à disciplina militar. Seu principal objetivo era de preparar a juventude para ser capaz de defender a pátria, se houvesse a necessidade. De acordo com Bracht (1999, p.72-73):

[...] A instituição militar tinha a prática — exercícios sistematizados que foram ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico. Isso vai ser feito numa perspectiva terapêutica, mas principalmente pedagógica. Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos). Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser (e foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica.

Em meados do século XIX, o movimento ginástico europeu buscou embasamento nas ciências biológicas que aliada à ascensão da Revolução Industrial passa a difundir o Higienismo como método para romper com as práticas populares (corpo como simples entretenimento), além de disciplinar moral e fisicamente os indivíduos, resultando assim nos Métodos Ginásticos. A partir disso, nascem quatro grandes escolas: a Escola Alemã; a Escola Sueca; a Escola Francesa; e a Escola Inglesa. Essas Escolas tinham em comum a valorização da saúde por meio de uma prática regular de exercícios físicos associados à transmissão de ideias totalmente patrióticas, mas se diferenciavam de acordo com as necessidades de suas populações (SOARES, 2002).

A Escola Alemã, de caráter extremamente nacionalista, teve como seu principal objetivo a preparação dos corpos para a defesa da pátria, devido a sua constante ameaça territorial. Influenciada por doutrinas de Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e John Locke (1632-1704), teve como principais destaques Johann Cristoph Friederick Guts-Muths (1759-1839), considerado o

pai da Ginástica Moderna que, acreditava que a ginástica deveria ser organizada pelo o Estado e ministrada para todos e todos os dias, como apontado por Quitzau (2015, p. 117) “(...) passa a pensar os exercícios físicos como elementos essenciais na formação dos indivíduos”.

Adolph Spiess (1810-1854) preocupou-se com a inserção da Ginástica na escola e de que tivesse o mesmo reconhecimento das outras disciplinas, sendo um dos primeiros a defender a Ginástica Feminina. Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852) disseminou o método dentro da população, inserindo um aspecto militarista e patriótico (GHIRALDELLI JUNIOR, 1994).

A Escola Sueca foi idealizada por Pehr Henrick Ling (1776-1839), que acreditava que era possível desenvolver o espírito humano disciplinando o corpo, tarefa essa da ginástica (MORENO, 2015, p.131). Pautada na ideia de regenerar a população, não possuía um caráter militarista tão exacerbado quanto à alemã, sendo mais voltada para o lado “pedagógico” e “social”, gerando indivíduos que pudessem ser úteis como soldados ou trabalhadores e com o intuito de acabar com os vícios da sociedade e, principalmente, o alcoolismo.

Outro nome muito importante foi Franz Nachteggall (1777-1847) que fundou seu próprio instituto de Ginástica (1799) e o Instituto Civil de Ginástica para formação de professores de Educação Física, em 1808 (OLIVEIRA, 1985).

A Escola Francesa baseou-se nas ideias dos alemães Jahn e Guts-Muths, mesclando o caráter moral e patriótico com a preocupação com o desenvolvimento integral do homem, trabalhando competências como força física, destreza, agilidade e resistência. Como afirma Goellner (1992, p. 111), a educação física era “(...) voltada para o controle do corpo individual e, em consequência, do social. Era imperioso que forjasse uma população disciplinada, moralizada e adestrada (...)”.

### **2.3 – A ascensão do Esporte e suas possibilidades**

Com o começo da Revolução Industrial, o Esporte passa a ganhar força e forma pois “(...) a Escola Inglesa, diferentemente de outros países, não

possuía um caráter militar de disciplina e treinamento. Assim a maior contribuição deste país foi a do esporte.” (BETTI, 1999, p.26). Com o decorrer do século XVIII, ganhou autonomia e passou de um simples conteúdo de ensino para um assunto exclusivo da educação física escolar que, assim, a esportivizou gradativamente.

O esporte é incorporado à escola a partir do Decreto-Lei 69.450, de 1971, no artigo 3, parágrafo 2 que traz a prática desportiva como elemento integrante da proposta da educação física a partir do segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano).

Santana (2005) aponta que a iniciação esportiva é marcada pela prática regular e orientada de uma ou mais modalidades esportivas, e o objetivo imediato é dar continuidade ao desenvolvimento da criança de forma integral, não implicando em competições regulares. Ou seja, o esporte contribui na formação integral das pessoas e na melhoria da qualidade de vida do conjunto da sociedade (1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DO ESPORTE, 2004).

Importante destacar que os esportes são conteúdos previstos no currículo e de grande importância, mas algumas modalidades acabam ocupando grande espaço dentro dos saberes da Educação Física na escola. A maneira como tem sido abordado nas aulas se caracterizam uma “esportivização”, e isso se dá através dos discursos dos docentes ao escolherem os conteúdos a partir de: o interesse/aceitação/gosto dos alunos pelos temas e atividades; e o espaço físico e materiais disponíveis na escola para as aulas (ILHA e HYPOLITO, 2016).

Porém, é preciso compreender a relevância de alguns fatores externos que contribuíram, e muito, para a globalização do esporte (de alto rendimento) no âmbito escolar, como a indústria cultural e da comunicação de massas, utilizadas como ferramentas para disseminar informação, e acabarem transformando o esporte em mercadoria para o consumo. Além de popularizar o gesto técnico, a espetacularização do esporte instiga/motiva os alunos a praticarem/reproduzirem os esportes de forma competitiva. Segundo Bracht (1992):

Mais uma vez a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição, e, de tal forma, que temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na Escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. [...] Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio de rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física Escolar. (p. 22)

A utilização do esporte no ambiente escolar ainda é uma discussão constante, contudo, a sua utilização é, inegavelmente, há anos o principal recurso dos professores, em quaisquer fases de ensino. Como muito bem elucidado por Korsakas (2002), desde a Antiguidade o esporte faz parte da “educação” do homem, sendo atribuído grande valor às atividades físicas e esportivas na formação do indivíduo, tanto moral quanto física.

O esporte educa, entretanto, cabe ressaltar a necessidade de um trato pedagógico para adequá-lo à escola, como um meio e não um fim para contribuir na formação de um aluno-cidadão (GALATTI e PAES, 2006).

Apesar de não identificar qual concepção é a melhor ou a mais adequada para se trabalhar na escola, é necessário que o aluno seja capaz de compreender e vivenciar os gestos utilizados dentro das modalidades, e escolher a melhor maneira, para ele, de reproduzi-los. A prática esportiva, como instrumento educacional, visa o desenvolvimento integral do indivíduo e capacita o sujeito a lidar com suas necessidades, desejos e expectativas, bem como, com as necessidades, expectativas e desejos dos outros, de forma que o mesmo possa desenvolver as competências técnicas, sociais e comunicativas, essenciais para o processo de desenvolvimento das relações interpessoais (NEUENFELDT, 2008).

Dantas Junior (2008) afirma que a competitividade é culturalmente construída e aprendida, já que:

“(...) ninguém nasce competitivo, do mesmo modo que ninguém nasce solidário: são caracteres culturais acumulados, demonstrando

um dado grau de civilização e como nos relacionamos com o outro".  
(p.221)

Ou seja, a escola pode, ou não, potencializar a competição nos alunos. Independe da disciplina e na educação física não é diferente. Importante ressaltar a crítica feita por Kunz (1994), apontando que se a abordagem utilizada nas aulas estiver associada ao rendimento, apenas um pequeno grupo se beneficiará dessa metodologia e obterá o sucesso e estimulará os mais habilidosos a competir cada vez mais.

Por outro lado, os demais alunos terão que enfrentar o fracasso, acabando com a proposta inicial de integração e experimentação. É importante ter cuidado com a maneira que oportunizamos as atividades nas aulas, pois a mesma atividade que possibilita momentos de crescimento para alguns, para outros pode ser o momento de exclusão que acaba desestimulando a prática esportiva e, conseqüentemente, a não socialização (NEUENFELDT, 2008).

O melhor caminho não seria excluir essas experiências dentro das aulas, pois através delas pode ser trabalhado de forma mais produtiva, desenvolvendo a percepção de não supervalorizar a vitória, e ao mesmo tempo, ter resiliência com a derrota e aprender com ela.

Por isso, uma boa alternativa é a utilização do esporte como ferramenta na educação, na aquisição e desenvolvimento de hábitos desejáveis, principalmente, na infância e na adolescência possibilitando a experimentação de sua prática de maneira sistematizada e programada com a finalidade de contribuir para a formação mais ampla do indivíduo.

## CAPÍTULO 3 – GEO E O ESPORTE

O Ginásio Experimental Olímpico é um programa da prefeitura do Rio para alunos do 6º ao 9º ano e que começou a funcionar em 2012. A escola apresenta um modelo inovador de ensino de tempo integral buscando conciliar a qualidade pedagógica e a excelência acadêmica, com a preparação esportiva. Desse modo, visa atuar com o esporte como fio condutor, tendo como finalidade a formação de um aluno-atleta-cidadão, através de uma educação que tem como objetivo agir frente ao desenvolvimento humano e em suas interações com a sociedade (SILVA, 2014).

No que diz respeito aos três pilares que fundamentam o conceito de aluno-atleta-cidadão: 1) Aluno – é a dimensão essencialmente acadêmica da formação do jovem, isto é, a relação ensino-aprendizagem (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser), com vistas ao alcance de proficiência nas áreas de conhecimento que compõem o Ensino Fundamental; 2) Atleta – aquele que possui um acervo motor amplo e qualificado, que usufrui da formação esportiva adequada à sua faixa etária, abrangendo os aspectos lúdicos, técnicos e táticos sem prejudicar o seu desenvolvimento físico, motor e psicológico; 3) Cidadão - atuação ética e responsável do ser humano em sua dimensão política e social, com o pleno desenvolvimento da capacidade de identificar e compreender o que é mais adequado para si e para a coletividade (SILVA, 2014).

O GEO preza, também, pelo ensino em tempo integral, assim orientando suas ações para a inclusão social e o bem-estar de seus integrantes, com a intenção de ampliar o tempo de permanência do aluno na escola. Este tempo ampliado oferece condições para que o esporte se apresente como o elemento integrador dos processos de ensino-aprendizagem como apontado por Galatti (2002):

“considerando o esporte (...) enquanto um fenômeno com vertentes educativas e capaz de formar (...) cidadãos criativos, observadores e críticos em seu meio social” (p.2)

Oferecendo experiências de aprimoramento de sua vocação e treinamento das habilidades atléticas, bem como o desenvolvimento do projeto



de vida, reflexão sobre seus sonhos, reescrevendo sua história e projetando seu futuro por meio das vivências de atividades de protagonismo juvenil.

Primeiramente, para entendermos a dinâmica escolar do GEO, se faz necessário compreender em quais modelos educacionais esse programa foi baseado e organizado para melhor atender as suas demandas.

### **3.1 – Modelo escolar associado ao esporte**

A escola vocacionada, que tem o esporte como agente nuclear, abrange toda a população escolar e garante de forma mais clara e eficaz os objetivos pedagógicos da formação desportiva, através da interdisciplinaridade. Em cada escola, o desporto é concebido através de um modelo diversificado nas suas ofertas, capaz de dar resposta às mais variadas formas de motivação dos diferentes alunos e de se ligar às suas comunidades locais (SIQUEIRA e TICIANELLI, 2013). Sendo assim, reflete-se que talvez a Educação e o Desporto consigam comprometer os jovens com a prática regular de atividades físicas e desportivas (FREIRE et al, 2014).

Há poucas pesquisas que buscam entender, na prática, qual modelo escolar seria o melhor e nenhuma aponta uma receita pronta para a criação de escolas mais eficazes. Porém, os parâmetros mais aceitos de educação não devem ser implementados de forma mecânica sem levar em conta o contexto particular de cada escola. Esses métodos podem, contudo, ser vistos como um ponto de partida para que façam uma auto avaliação, sem escolher uma política educacional que priorize a “excelência em avaliação” em detrimento de uma formação completa, integrada e autônoma dos cidadãos (SAMMONS, 1999).

Dialogando com o Sammons (1999), encontram-se Reverdito e Scaglia (2009, p.25-26) que afirmam que:

[...] uma construção para a prática pedagógica comprometida com a transformação e a manifestação da condição humana do sujeito, por meio das práticas esportivo corporais, indiscutivelmente facilitadoras na formação de sujeitos conscientes de suas responsabilidades

sociais, críticos, autônomos quando metodicamente conduzidas à reflexão na pedagogia, mas quais em muito transcende a simples práticas de movimentos corporais, métodos e conteúdos, capazes de estabelecer objetivos maiores e um ambiente que efetivamente promova o sujeito em sua totalidade potencial.

A convivência praticada no desporto contribui para a inserção do educando no seu contexto social, incentiva que estabeleçam os vínculos que influenciarão na sua formação, cria condições sociais que ofereçam oportunidades para determinadas práticas de cidadania e tais práticas permitem que o educando aprecie a convivência como parte valiosa da sua formação (HOYOS, 2004).

O esporte é, portanto, reconhecido pela sua pluralidade como promotor da saúde, de educação e da formação humana (FREIRE et al, 2014). Sua representatividade pode ocorrer, formalmente, como transmissão de conhecimentos sistematizados e regras pré-definidas ou, ainda, informalmente como bem cultural e prazer de quem o pratica. Machado (2006) explica que a motivação se apresenta de duas maneiras, de forma intrínseca, partindo de cada indivíduo, e extrínseca, pela qual haverá uma amplitude de recompensas, cujo objetivo principal não é somente o prazer de jogar, mas, também, provar toda sua capacidade de rendimento no esporte.

### **3.2 – Introdução do esporte na dinâmica escolar**

De acordo com a metodologia utilizada no GEO, a parte esportiva prevê que no desenvolvimento sejam trabalhados valores e as modalidades olímpicas. Os alunos participarão de competições e terão duas horas, pelo menos, de prática desportiva por dia. Metodologias inovadoras, também, farão parte do programa, como a matriz curricular integrada e o NADE (Núcleo Avançado de Desenvolvimento Esportivo). Segundo Silva (2014, p.125), esse núcleo é composto por professores pesquisadores que serão responsáveis por orientar a equipe pedagógica da escola sobre as pesquisas internas e externas que abordem a temática de treinamento de longo prazo.

Inicialmente, o treinamento era realizado de uma única maneira para todos os alunos, como sendo uma primeira etapa de desenvolvimento, sendo seis tempos de uma atividade desportiva principal e quatro tempos divididos nos demais esportes durante um semestre, de modo que experimentassem todos os esportes durante o ano e não perdessem sua atividade principal. De acordo com o número de alunos e a disponibilidade de horário semanal do GEO, as turmas foram divididas em três grupos de treinamento: os alunos do 6º ano com os mais novos do 7º ano; os mais velhos do 7º ano com os do 8º ano; e a turma do 9º ano. Essa divisão em grupos, principalmente, nos dois primeiros, facilitou o desenvolvimento de outras disciplinas, como o inglês e a educação física curricular.

O sistema de treinamento é progressivo durante os anos e atinge seu último nível no 9º ano. Essa divisão está de acordo com as categorias usadas nas competições estudantis. Silva (2014, p.116) aponta que a competição de maior importância na vida do aluno-atleta em termos estudantis são as Olimpíadas Escolares. Elas se baseiam no ano de escolaridade correto para cada segmento. Em 2012 existiam duas categorias: A) 14 a 12 anos (nascidos em 1998, 1999, 2000); e B) 17 a 15 (nascidos em 1995, 1996, 1997). A categoria A estava voltada, preferencialmente, para o Ensino Fundamental e a categoria B, preferencialmente, para o Ensino Médio (masculino e feminino para ambas as categorias).

Como o GEO só possui o segundo segmento do Ensino Fundamental, a escola procura fazer com que os alunos quando terminem o ensino fundamental (9º ano) sejam encaminhados para clubes e escolas com ensino médio de qualidade, e que não pulem etapas do treinamento esportivo. Porém a maneira como é feito esse encaminhamento não ficou explicitado no livro.

## **CAPÍTULO 4 – SEIS ANOS: O QUE MUDOU DESDE A IDEALIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO ATÉ OS DIAS ATUAIS?**

Este capítulo foi dedicado à comparação dos dados iniciais obtidos através do livro *Aluno-A atleta-Cidadão: estudos no Ginásio Experimental Olímpico*, que foi escrito por Silva (2014) e baseado na inauguração do GEO Juan Antonio Samaranch – em 2012 – localizado em Santa Tereza; dialogando com os resultados dos questionários feitos com docentes de outras duas unidades: GEO Nelson Prudêncio na Ilha do Governador e GEO Dr. Sócrates situado em Pedra de Guaratiba.

A proposta foi verificar se houve alguma mudança na organização curricular da escola (forma de ingresso dos alunos; horários de funcionamento e rotina da escola; projeto extraclasse; e metodologia dos treinamentos), se são ofertadas o mesmo número de turmas/vagas, se os treinamentos seguiam o modelo inicial ou se houve alguma mudança, e se há um grupo de pesquisa dentro da escola. Além de entender a percepção que os docentes têm da influência do esporte sobre os alunos e se eles acreditam na proposta aluno-atleta-cidadão.

### **4.1 – Dados da amostra**

Foram entrevistados seis docentes que ministram treinamentos de modalidades diferentes, sendo que, três desses são professores no GEO Dr. Sócrates e outros três são do GEO Nelson Prudêncio. Todos são do sexo masculino, e têm entre 32 e 50 anos de idade. Em sua grande maioria, possuem mais de oito anos de magistério e estão há, pelo menos, um ano dando aula no GEO.

Vale ressaltar que todos já trabalharam em outras escolas, e apontaram que existe uma diferença entre o GEO e as demais, afirmando que as diferenças têm relação com: o fato de ser uma escola vocacionada para o esporte, ter uma equipe integrada com a proposta pedagógica, contar com professores qualificados e com o processo de seleção dos alunos que

integrarão a escola. Todos afirmam que o esporte tem um papel importantíssimo na vida social e escolar dos alunos.

#### 4.2 – Dados da instituição

Ao que diz respeito à seleção dos alunos, de acordo com Silva (2014), o aluno que escolhesse estudar nessa escola, teria que ter aptidão física para o esporte e seria convidado para fazer um teste de habilidade física junto à matrícula, que serviria para classificar e não desqualificar os alunos.

Segundo os docentes, até este ano (2018), os alunos precisavam realizar uma redação expressando a sua vontade de fazer parte daquela escola, além do teste físico que já era utilizado como uma maneira de avaliar o aluno.

O horário de funcionamento e a rotina escolar que foi estruturada para a inauguração do GEO era:

**Tabela 1 – Rotina do GEO Santa Tereza**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
7:30 – 8:00	Café da manhã
8:00 – 10:30	Aulas
10:30 – 10:40	Intervalo
10:40 – 12:20	Aulas
12:20 – 13:20	Almoço
13:20 – 13:40	Descanso
13:40 – 15:10	Aulas
15:10 – 15:40	Intervalo
15:40 – 17:00	Aulas Saída do 6º e 7º ano
15:40 – 17:30	Aulas Saída do 8º e 9º ano

Inicialmente, não ficou definido como seria dividido o treinamento durante os dias, apenas que teriam uma modalidade principal e que poderiam experimentar outras modalidades durante o semestre (SILVA, 2014).

A partir da resposta dos docentes do GEO da Ilha do Governador, pudemos identificar que a rotina da escola é definida por:

**Tabela 2 – Rotina do GEO Ilha do Governador**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
7:00 – 7:30	Café da manhã
7:30 – 09:10	Aulas
09:10 – 09:30	Intervalo
09:30 – 11:10	Treino do 6º ano
09:30 – 12:00	Aula para os demais
11:10 – 12:00	Almoço para o 6º e 7º ano
12:00 – 12:50	Almoço para o 8º e 9º ano
12:50 – 14:30	Treino para o 7º ano
12:50 – 14:30	Aula para os demais
14:30 – 14:50	Intervalo
14:50 – 16:30	Treino para o 8º e 9º ano
14:50 – 16:30	Aula para os demais

Já os docentes do GEO de Pedra de Guaratiba não especificaram como era o funcionamento daquela unidade. Disseram, apenas, que, o horário escolar era de 7:30 até às 16:30, com 9 tempos por dia (sendo 7 de aula e 2 de treino), 2 intervalos, horário de lanche (na entrada e na saída), além do intervalo para o almoço.

Quando perguntados sobre o número de turmas e de alunos nas unidades, no GEO Nelson Prudêncio, os professores apontaram que são doze turmas, sendo três para cada ano, tendo em torno de quatrocentos alunos. A outra unidade, no GEO Dr. Sócrates, também possui doze turmas, mas não houve um consenso de quantos alunos estavam matriculados em cada turma. Silva (2014) aponta que, em 2012, ano de inauguração do GEO de Santa Tereza havia apenas cinco turmas de 6º ano, três turmas de 7º ano e duas turmas de 8º ano.

Quando questionados sobre a quantidade de docentes de educação física na escola, a ideia pretendida pelo GEO de Santa Tereza era de terem oito professores. No GEO Dr. Sócrates são onze, sendo dez responsáveis por treinamentos esportivos e um que ministra aulas da grade curricular (educação física escolar). Na outra unidade, no GEO Nelson Prudêncio, são quatorze educadores físicos, divididos em: nove ministrando treinamentos; um coordenador esportivo; um de educação física escolar; e três que compõe a equipe de gestão.

### **4.3 – Dados do treinamento esportivo**

Voltando aos comparativos, ressaltaremos alguns aspectos sobre o treinamento com o intuito de entender como é feita a seleção dos alunos nas modalidades, como são o funcionamento e o planejamento para os treinos e se há influência do treinamento e da competição na vida dos alunos.

Como dito anteriormente, o livro de Silva (2014) afirma que no ano de inauguração – em 2012 – do GEO Santa Tereza não havia um planejamento específico para os treinamentos, apenas afirmava que os alunos experimentaríamos modalidades, então será apenas exposto os dados coletados nas outras duas unidades.

Foi unanimidade a resposta dos docentes a respeito da maneira de selecionar os alunos para as modalidades, ou seja, todos são observados pelos professores durante os dias de experimentação do esporte, onde são avaliadas as valências e características físicas, (durante o questionário não ficou explícito como é feito isso), além do interesse demonstrado durante esses dias. Cabe ao professor conciliar suas escolhas com a dos alunos.

Quando perguntados sobre como funcionava o treinamento esportivo, todos apontaram que eram dedicados dois tempos de 50 minutos por dia e cinco vezes por semana, para a realização das atividades. Porém, em relação o planejamento das aulas, cada um organizava seu treinamento de forma diferente, a progressão era feita de acordo com a maturação dos alunos (durante o questionário não ficou explícito de que maneira é realizada essa

avaliação), a dificuldade/cobrança era aumentada com o decorrer dos anos, e montada de acordo com o calendário de participações esportivas.

Apontaram, também, que a escola possui um documento chamado Desenvolvimento Esportivo a Longo Prazo (DELP), que elucida a importância de se desenvolver um treinamento progressivo, de acordo com o grau de maturação do aluno, respeitando os ciclos de treino, com cargas e intensidades adequadas para a idade e para cada período de competição.

Foi-lhes perguntado se tinham contato com algum grupo de estudo dentro ou fora do GEO que pudesse ajudá-los repensar a prática dentro da instituição ou que os auxiliassem no planejamento dos treinamentos. Apenas um dos docentes – integrante do GEO Nelson Prudêncio – informou que participa do Grupo de Estudo em Cinesiologia e Educação Física Escolar (GECEFE/UFRJ), juntamente, com outro professor da modalidade de Atletismo. Ele afirma que, a participação coletiva, ainda, é incipiente e que deveria ser mais estimulado esse contato com a pesquisa acadêmica entre eles. Os demais responderam que fazem estudos individuais e que são feitas reuniões para troca de experiência entre eles.

Outro ponto que está intrinsecamente ligado à temática é a visão que os docentes têm a respeito do treinamento, se o esporte para eles é entendido meramente com a perspectiva de exaltação da técnica ou se eles buscavam trabalhar aspectos sociais, vinculados ao esporte, dentro das suas aulas. Em sua maioria, os professores responderam que não têm como fugir dessa premissa quando se busca o alto rendimento, mas que utilizam os treinos e competições como ferramenta para trabalhar valores éticos e morais, sem deixar de lado a formação acadêmica, visando o desenvolvimento integral do aluno.

Investigamos se eles percebiam alguma influência do esporte no cotidiano do aluno para além da escola, todos disseram que o treinamento serve como um instrumento para trabalhar com as responsabilidades individuais, estimula a persistência nos objetivos, criação de hábitos saudáveis, além de trabalhar a disciplina, a autoconfiança, o respeito, o convívio social.



Trabalhar as diferenças e o perder e ganhar ajudam o aluno a ter outro olhar para o mundo e para o seu cotidiano.

Por último, queríamos saber se entendiam que a tríade atleta-aluno-cidadão poderia tornar os alunos mais conscientes da sua realidade e do seu entorno. Todos disseram que sim, mas que não era um trabalho simples de se realizar, principalmente, quando um aluno passa a se destacar no esporte e deixar de lado a parte acadêmica – e vice-versa – há um estranhamento por parte do corpo docente da escola, resultando na marginalização desse aluno por ambos os lados. Afirmaram, também, que há necessidade de um trabalho mais próximo entre os treinadores e os demais professores para um melhor entendimento da formação a partir dessa tríade, pensando sempre no desenvolvimento integral do aluno.

## **CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados obtidos com a amostra apontaram que as alterações feitas foram relacionadas à parte administrativa da instituição, mas que, na prática, seguem o que foi revelado, inicialmente, no livro de Silva (2014). O treinamento esportivo passa pela especificidade do docente que o ministra, mas a proposta de trabalhar o esporte com agente potencializador permanece.

Concluimos que o esporte pode ser trabalhado dentro da perspectiva do alto rendimento, mas que valores éticos e morais não precisam ser deixados de lado dentro da prática, da mesma forma que a parte acadêmica não precisa ser sacrificada dentro da escola para incentivar a prática desportiva.

Esta pesquisa atendeu aos objetivos que se propôs inicialmente, e a metodologia utilizada atendeu à demanda necessária para a investigação. Porém, se o questionário tivesse sido respondido pessoalmente e pudesse ter sido observado pelo menos uma aula desses docentes que se dispuseram em participar, acredita-se que outras impressões surgiriam e que poderiam ser exploradas e questionadas durante o desenvolvimento deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- ALVES, U. S. **Não ao sedentarismo, sim à saúde**: contribuições da Educação Física escolar e dos esportes. *O Mundo da Saúde*, v. 31; n4; p. 464-469; 2007.
- BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, p.69-89, Agosto/99
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BERESFORD, Heron. **Valor**: saiba o que é. Rio de Janeiro: Shape, 1999.
- BETTI, I. **Esporte na escola**: mas é só isso professor? . *Motriz*. v. 1, n. 1; p.25-31; 1999.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2ª versão. Brasília: MEC, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 69.450, de 1 de setembro de 1971**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D69450.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm)>. Acesso em: 13 set. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BRUNER, J. **O Processo da educação Geral**. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1991.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DANTAS JUNIOR, H. S. **A esportivização da Educação Física no século do espetáculo**: reflexões historiográficas. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.29, p.215-232, mar.2008 - ISSN: 1676-2584
- DAOLIO, J. **Educação física escolar**: em busca da pluralidade. *Revista Paulista de Educação Física*. supl. 2, p. 40-42, 1996.
- DARIDO, S. C., *Educação Física na Escola*, 1. ed. Guanabara Koogan S.A., 2003. 91p.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 2004, 14 (28), p. 139 -152.

FREIRE, Rafael Silveira et al. **Prática regular de atividade física**: estudo de base populacional no Norte de Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, [s.l.], v. 20, n. 5, p.345-349, out. 2014. FapUNIFESP (SciELO).

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do Esporte**: Discutindo o Processo de Ensino-Aprendizagem na Modalidade Basquetebol. 2002. 98 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Unicamp, São Paulo, 2002. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000321052](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000321052)>. Acesso em: 15 set. 2018.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. **Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar**. Revista Movimento e Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 6, n. 9, jul/dez, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4ª. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a Educação Física no Brasil**: da caserna a escola. 1992. 223 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992. Cap. 3.

HOYOS, G.; Martinez, M. (Coord.) **¿Que significa educar em valores hoy?** Barcelona: Octaedro, 2014.

ILHA, F.R.S.; HYPOLITO, A.M. **Esportivização da Educação Física escolar**: um dispositivo e seus regimes de enunciação. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 173-186, jan/mar de 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/55467/36536>>. Acesso em: 30 de jul 2018

KORSAKAS, P. O. **Esporte Infantil**: As Possibilidades de uma Prática Educativa. In: ROSE JR., D. de; et al. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.39-49.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994. \_ \_ \_ . **O esporte enquanto fator determinante da Educação Física**. Contexto e Educação. v.15, p.63-73, 1989

LOCH, Silvana Aparecida; ROCHA, Elisangela Aparecida. **A escola como aparelho ideológico do Estado**: reflexos do neoliberalismo no discurso escolar. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, p. 2103-2110, 2009.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MELO, L. L.; VALLE, E. R. M. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil**. Psicologia argumento. Vol. 23, n. 40, p. 43 – 48, 2005.

MORENO, Andrea. **A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte, 2015, vol. 37(2), p. 128-135. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n2/0101-3289-rbce-37-02-0128.pdf>>. Acesso em: 29 de jul 2018.

NEIRA, Marcos Garcia; SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos.** Motrivivência, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, set. 2016. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p188/32570>>. Acesso em: 16 maio 2018.

NEUENFELDT, D. J. **Esporte, Educação Física e Formação Profissional.** Lajeado, RS: Editora Univates, 2008.

OLIVEIRA, V. M. **Educação física humanista.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

PILETTI, N; ROSSATO, S.M. **Psicologia da aprendizagem:** da Teoria do condicionamento ao Construtivismo. São Paulo: Contexto; 2011.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’:** as observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, 2015, vol. 37(2), p. 111-118 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n2/0101-3289-rbce-37-02-0111.pdf>>. Acesso em: 29 de jul 2018.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte:** jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade.** In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DO SUL DO BRASIL, 14., 2002, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002. p. 176-180.

SILVA, Carlos Alberto Figueredo da (Org.). **Aluno – Atleta – Cidadão –** Estudos no Ginásio Experimental Olímpico. FAPERJ. HP Comunicação Editora. Rio de Janeiro. 2014.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Katia. **Superação no esporte:** limites individuais ou sociais? Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2003, vol. 3, nº 3, p. 69–76. Disponível em: <[http://www.fade.up.pt/rpcd/\\_arquivo/artigos\\_soltos/vol.3\\_nr.3/LSilva.pdf](http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.3_nr.3/LSilva.pdf)> . Acesso em: 26 de jul 2018.

SIQUEIRA, Nathália Ferreira; TICIANELLI, Giovanna. **Psicologia e Esporte**: o papel da motivação. Faculdade de Americana. Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo**: Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

1ª Conferência Nacional do Esporte. Brasília. Junho/2004.

## LISTA DE ANEXOS

### Anexo 1 – Questionário

#### Dados pessoais

<b>Nome:</b>
<b>Idade:</b>
<b>Qual a sua formação?</b>
<b>Quanto tempo de magistério? E no GEO?</b>
<b>Já trabalhou em outra escola?</b>
<b>Se sim, há alguma semelhança e/ou diferença entre as escolas?</b>

#### Dados sobre o GEO

<b>Como é feita a seleção para entrar na escola?</b>
<b>Quantas turmas na escola?</b>
<b>Quantos alunos em cada segmento?</b>
<b>Qual o horário de funcionamento?</b>
<b>Como funciona a rotina da escola? (horários das aulas/intervalos/treinamentos/...)</b>
<b>Quantos professores de Educação Física? Todos são ligados a treinamentos esportivos?</b>

## Treinamento esportivo

<b>Como funcionam os treinamentos? (horário/planejamento)</b>
<b>Qual método utilizado para selecionar os alunos para as modalidades?</b>
<b>Cada professor é responsável por uma modalidade?</b>
<b>Há um planejamento em longo prazo visando a melhor preparação para as competições?</b>
<b>Você notou alguma diferença na motivação dos alunos a partir das competições?</b>
<b>Há um grupo de estudo voltado para o esporte? Se sim, como ele auxilia o seu trabalho?</b>
<b>O esporte é visto de maneira tecnicista, ou há uma preocupação de trabalhar os aspectos sociais com os alunos?</b>
<b>Como você avalia a influência do esporte no cotidiano dos alunos (para além da escola)?</b>
<b>Você acredita que o esporte é capaz de formar alunos conscientes dentro da premissa Atleta-Aluno-Cidadão para uma sociedade tão excludente?</b>